

Apontamentos sobre uma Metodologia de Folkcomunicação: Uma análise da literatura de cordel como produção de notícia na obra de Téo Azevedo¹

Sebastião Breguez²

RESUMO:

O autor analisa as novas formas de ver a Folkcomunicação através de novas metodologias através de estudo da Literatura de Cordel como manifestação comunicacional das classes populares e, desta forma, como jornalismo popular. com a produção de notícias. E ainda com direito a produção da Edição Extra ou Edição Extraordinária sempre que os fatos e acontecimentos forem de grande repercussão social. Vamos enfocar o estudo na obra do repentista e cantador popular mineiro Téo Azevedo, mineiro do Norte de Minas – uma das regiões mais pobres do Estado, que adquiriu celebridade nacional pelo volume de cordel publicado e também pela sua obra de repentista. Atualmente, ele mora em São Paulo e participa da programação cultural de Tvs e shows por todo o Brasil e também pelo exterior.

Palavras-chave: Metodologia, folkcomunicação, cordel.

Uma Breve Introdução

A análise dos processos comunicacionais das classes populares foi iniciado pelo pernambucano Luiz Beltrão em meados da década de 1960 quando ele cunhou a expressão Folkcomunicação como estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. A partir daí se visualizou que na nossa sociedade existem classes sociais com processos comunicacionais diferenciados. A classe dominante, por exemplo, tem à sua disposição todo um aparato tecnológico de comunicação, que chamamos indústria cultural, com a produção de jornais, revistas, livros, discos, CDs, filmes etc. Mas as classes populares também se comunicam e utilizam tudo o que podem para expressar suas idéias, sentimentos, modos de pensar, sentir e agir. Assim, a produção da notícia como fator de informação não é um fenômeno

¹ Artigo originalmente apresentado no Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação no Congresso da Intercom/2005.

² **Professor-doutor, pesquisador e membro da Rede Folkcom. E-m: breguez@uol.com.br**

da elite: as classes populares também produzem e difundem a notícia com o seu próprio sistema de comunicação impressa.

A Literatura de Cordel, assim, é jornalismo popular, é produção de notícia popular impressa que atinge um universo bem grande de pessoas no Nordeste brasileiro, mas também em regiões onde esses meios cresceram e se desenvolveram. Hoje, com a evolução da Rede Folkcom e a organização de congressos nacionais em universidades brasileiras, dezenas de estudos e pesquisas tem mostrado a influência e a importância da comunicação popular e difusão da informação. O objetivo deste artigo é analisar esta forma de comunicação e de produção de notícia na obra de Téo Azevedo.

1 –

O nosso objetivo, neste artigo, é resgatar o vigor criativo da literatura de cordel do Norte de Minas na vida e obra do cantor e repentista Téo Azevedo que teve a oportunidade de apresentar ao público mineiro já nos idos de 1978. Ele é um dos últimos, talvez o último, elemento vivo do cordel mineiro, que se manifesta com toda pujança e força de expressão e manifestação comunicacional e artística. Téo tem hoje uma presença especial na vida artística brasileira, ostentando uma obra composta por 1500 músicas gravadas por diversos interpretes, uma centena de livretos de cordel publicados, uma dezena de discos editados e também de CDs. Participa, como representante de Minas Gerais, de todos os principais festivais que acontecem no Brasil, de Norte a Sul, e, principalmente, em São Paulo, cidade cosmopolita onde toda a expressividade da cultura brasileira tem seu ponto de apoio.

O cordel, que é originário de Portugal, teve muita influência cultural no Nordeste brasileiro, mas teve ramificações em Minas Gerais, principalmente, no Norte de Minas, onde é forte a influência nordestina. Há um preconceito em associar-se o cordel como forma de expressão cultural genuinamente do Nordeste brasileiro. Mas o processo de migração do povo brasileiro, trouxe uma grande população para a região Norte e Nordeste de Minas Gerais. Ali as áridas condições do clima e da vegetação, além da pobreza generalizada, reproduziram os tipos humanos que se traduzem em expressões artísticas e se utilizam do cordel como forma de comunicar e manifestar ao mundo suas diversas formas de pensar, sentir e agir.

Minas Gerais é estado diversificado em manifestações culturais, pois recebeu influencia de vários povos e etnias que migraram para cá. Assim, não é exagero dizer-se que o Norte de Minas se constitui num grande foco de manifestação do folclore brasileiro por ser a região mais privilegiada em quantidade e diversidade de influências culturais, além de variados tipos e agentes de cultura.

Numa comparação de tipos mineiros diferenciados por critérios de falar, do comer, do divertir, teríamos três grupos bem identificáveis:

1) O mineiro da região de Juiz de Fora, vivendo em função do Rio de Janeiro. O mineiro do Sul de Minas, vivendo em função de São Paulo:

2) O mineiro do Norte de Minas, integrado ao chamado Nordeste, pois é aí que o Nordeste começa como clima e como característica cultural.

O Nordeste de Minas, além de ser o início do Nordeste era o antigo caminho da estrada Baiana na época em que as imigrações eram feitas em animais de montarias. Assim, a região recebia influência do Sul, como por exemplo, o Folgado Goiano que descende da Catira e que hoje está presente em algumas localidades da região.

Téo Azevedo, poeta e violeiro, nasceu em 2 de julho de 1943, em Alto Belo, distrito de Bocaiúva, no Norte de Minas Gerais, entre os vales dos rios Verde, Jequitinhonha e São Francisco. Filho do poeta e cantador Teófilo Isidoro de Azevedo (1905-1951), também famoso contador mineiro, herdou do pai a vocação para a poesia popular. Seu pai, que virou figura legendária na região, figurando em poema de Carlos Drummond de Andrade, era alegre folião de reis, aboiador, repentista, pequeno comerciante, tropeiro e ferreiro do local. Téo, assim, herdou do pai o gosto pelas coisas do povo e mais do que isto o domínio das técnicas poéticas e musicais. Estas mesmas técnicas que, passam de pai a filho, de geração a geração, pela tradição, proximidade e oralidade, que são os processos naturais de preservação e expansão da cultura popular.

O cordelista mineiro, além do pai, não teve muitos professores da escola oficial. Frequentou pouco os bancos escolares, o suficiente apenas para concluir apenas o primeiro ano do Curso Primário. Aprendeu a ler e escrever, segundo conta, olhando as placas comerciais e folheando gibis e jornais. Com a morte do pai, teve que começar a trabalhar bem cedo para sobreviver. Já aos oito anos de idade ganhava a vida como engraxate, lavando carros, carregando malas e vendendo frutas. Sua vida mudou, quando conheceu um camelo pernambucano, de nome Antonio Salvino, que vendia remédios pelas feiras e praças populares. Começou a trabalhar com ele e sua função era abrir rodas em praças públicas, chamando a atenção do povo com uma cobra jibóia enroscada no pescoço e cantando calango (uma das formas de repente em Minas Gerais). A partir daí nunca mais parou de cantar e a cantoria passou a ser sua forma de sobrevivência.

Gravou o primeiro disco em 1965 no estúdio Discobel, do técnico Lourinho, da Rádio Itatiaia. O disco trazia uma música folclórica conhecida no Norte de Minas, *Deus te Salve Casa Santa (Cálix Bento)*, que ganhou nova melodia e o acréscimo de três estrofes de sua autoria. Nesta época, Téo começou a fazer abertura de shows em circos e praças públicas com o repentista mineiro Caxangá e os cantores Vicente Lima e Zé Brasil. Compôs várias músicas e em 1968 foi escolhido pelo jornal *O Debate* como 'O melhor compositor mineiro do Ano'.

Mas foi em São Paulo, onde Téo passou a morar a partir de 1969, que sua vida artística tomou outro rumo. Conheceu vários repentistas como Guaiatã de Coqueiros, o então Alceu Valença, Antônio Deodato, Maxado Nordestino,

Sebastião Marinho, Coriolano Sérgio e ficou conhecido no meio dos cantadores populares. Em 1978, lança o LP *Brasil, Terra da Gente*, quando ficou conhecido em Minas Gerais através dos jornalistas Carlos Felipe e Sebastião Breguez, através do jornal *ESTADO DE MINAS*.

Com o lançamento do livro *LITERATURA POPULAR DO NORTE DE MINAS* (SP, Editora Global, 1978) iniciou sua vida literária. Publicou também *CULTURA POPULAR DO NORTE DE MINAS* (Top Livros), *PLANTAS MEDICINAIS E BENZEDURAS* (Top Livros), *A FOLIA DE REIS DO NORTE DE MINAS* (Sesc-MG), *ABECEDÁRIO MATUTO* (Ed. Global), *REPENTE FOLCLORE* (Sesc-MG), *TIOFO, O CANTADOR DE UM BRAÇO SÓ* (Ed. Global), *DICIONÁRIO CATRUMANO -Glossário de Locuções Regionais* (Ed. Letras & Letras), *AS ERVAS QUE CURAM* (Motivo Cultural), entre outros.

Entre os discos que editou estão: *Grito Selvagem* (Independente, 1974), *Brasil, Terra da Gente* (Copacabana, 1979), *O Canto do Cerrado* (WEA, 1980), *Cantador Violeiro* (Copacabana, 1987), *Cultura Popular* (Independente, 1993), *Tio e Sobrinha* (Copacabana, 1995), *Téo Azevedo, o cantador de Alto Belo* (Pequizeiro-Eldorado), *Solos de Viola em Dose Dupla* (Pequizeiro-Eldorado), *Ternos de Folia de Reis de Alto Belo, Folia de São José do Alto Belo* (Pequizeiro-Eldorado, 1999), *Forró Calango & Blues* (Pequizeiro-Eldorado, 2000). Gravou dezenas de discos de 78 rotações e compactos. É criador do selo Pequizeiro Produções Artísticas, desde 1998.

As músicas de sua autoria tem tido inúmeros intérpretes em todo o Brasil. Pode-se citar, entre eles, Luiz Gonzaga, Sérgio Reis, Clemilda, Tião Carreiro, Zé Ramalho, Banda Cacau com Leite, Tonico e Tinoco, Cascatinha e Inhana, Zé Côco do Riachão, Caju e Castanha, Milionário e José Rico, Banda de Pífanos de Caruaru, Cristina e Ralf, pimentinha, Fatael, Genival Lacerda, Valdo e Vael, Jackson Antunes, Domingos, Fernanda Azevedo, Danilo Brito, Ruth Eli e Jair Rodrigues. Também no exterior, ele tem músicas gravadas com intérpretes como o saxofonista inglês Bobby Keys da banda Rolling Stones e com o gaitista de blues norte-americano Charlie Musselwhite. Também fez apresentações musicais em Portugal, em várias cidades, sendo o único cordelista a participar de eventos culturais em terras lusitanas.

A repercussão da obra de Téo Azevedo tem sido analisada por vários estudiosos de cordel no Brasil e exterior. Nos EUA, o especialista J. Mack Curran, da Universidade do Arizona, fez alusão à sua obra em estudo sobre o cordel brasileiro. O holandês Joseph Luyten, quando estava na Universidade de Osaka (Japão), também fez referência ao trabalho de Téo. Ainda na França, o especialista Raymond Cantel, da Sorbonne, também incluiu sua obra na coleção que organizou sobre a literatura de cordel brasileira.

Enfim, a obra de Téo Azevedo é de resgate da cultura popular mineira, principalmente, a do Norte de Minas. Ele produziu, gravou, cantou todas as modalidades do cordel mineiro. Entre os quais se destacam o calango, o coco de viola, o lundu, o guaiano, a chula campeira e o repente.

Ao analisarmos o funcionamento da sociedade capitalista, numa observação de superfície, notaremos que as classes dominantes, que detêm o controle dos meios de produção, veiculam os seus interesses e aspirações nas artes, nas ciências, na administração do Estado. Às camadas populares, só resta um meio de participação social: o *folclore*. É através do folclore que elas organizam uma consciência comum preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo, e dão expansão aos seus pendores artísticos. Afinal, fazem presente à sociedade oficial as suas aspirações e expectativas da realidade que as envolve.

Como disse com muita propriedade Antonio Gramsci, o folclore até hoje só foi estudado como elemento *pitoresco* e coletado como material de erudição. A ciência do folclore consistiu apenas nos estudos a respeito do método de coleta, seleção e classificação deste material. “Dever-se-ia estudá-lo, pelo contrário, como sociedade em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções elaboradas, sistemáticas e politicamente elaboradas e centralizadas em seu (ainda contraditório) desenvolvimento histórico”.

Uma dessas formas de que o povo se utiliza para apresentar suas idéias, fazer suas críticas à sociedade oficial é a literatura de cordel. Ou seja, através das diversas formas que compõem a literatura popular (em que a inventiva do povo não é limitada por seu grau de alfabetização) como na *arte de jogar versos*. De todas as variantes do Brasil, esta é uma forma que existe somente em Minas Gerais. No Norte de Minas, para ser mais preciso.

Através do poeta popular Téo Azevedo esta forma-arte de jogar versos - tem sido divulgada pelo Brasil afora, de Norte a Sul. Sua origem ainda não foi definitivamente esclarecida, mas tudo indica que é oriunda de Portugal e foi trazida pelos colonizadores. O próprio Téo Azevedo faz esta afirmação. Segundo ele, a origem portuguesa vem da música *Caninha Verde*, originada da região do Minho (Portugal). É um canto e dança com refrão, onde as pessoas vão improvisando versos ou cantando versos demorados, usando sempre o tema de refrão, trazido pra o Brasil pelos iberos.

De maneira geral, tem-se aceitado a origem lusitana de nossa literatura de cordel. O próprio Teófilo Braga (1895) foi testemunho de que o nosso cordel se assemelhava com as “folhas volantes” portuguesas. Manuel Diegues Jr., por sua vez divide a Literatura de Cordel em três grandes vertentes ou grupos:

- *Temas tradicionais* (romances e novelas, contos maravilhosos, estória de animais, anti-heróis e tradição religiosa);
- *Fatos circunstâncias ou acontecidos* (manifestação de natureza física, fatos de repercussão social, cidade e vida urbana, crítica e sátira, o elemento humano: Getúlio Vargas, Tancredo Neves, Juscelino, fanatismo e misticismo como Antônio Conselheiro e Padre Cícero, cangacerismo Antonio Silvino e Lampião, tipos técnicos e tipos regionais);
- *Cantorias e pelejas* (os desafios).

O que caracteriza a poesia popular do Norte de Minas Gerais são as cantorias e pelejas. São feitos e cantados por elemento do povo, os verdadeiros repórteres populares que, sem uma formação erudita, burguesa, oficial, sabem transmitir para o seu grupo social os acontecimentos de ordem política, econômica ou mesmo social. Os acontecimentos são narrados em Quadras, Sextilhas e várias outras modalidades.

3 –

Com base na obra de Téo Azevedo podemos classificar a poesia popular do Norte de Minas Gerais nas seguintes categorias:

- **Quadrinhas** – Cada estrofe é formada de quatro versos de sete a nove sílabas, sendo que a segunda rima com a quarta. No Norte de Minas, o cantador não é obrigado a usar rima da última palavra do verso anterior.
- **Sextilha** – Cada estrofe tem seis versos, sendo que cada verso tem de 7 a 9 sílabas. A segunda rima com a quarta e a sexta; as demais são livres.
- **Septilha** – Cada estrofe tem sete versos, e cada verso sete a nove sílabas. A segunda rima com a quarta, a quinta com a sexta e a sétima com a quarta. As outras são livres.
- **Martelo Mineiro** – Cada estrofe é formada de seis versos. Estes têm de 10 a 12 sílabas. A segunda rima com a quarta e a sexta. As restantes são livres. Este nome foi denominado por Téo Azevedo, por ter características que o distinguem do martelo nordestino. Este utiliza mais as estrofes formadas de dez sílabas, as chamadas décimas.
- **Sétima de Quelé** – Cada estrofe tem sete versos e cada verso de 7 a 9 sílabas. A primeira rima com a segunda, a terceira com a quarta, a quinta com a sexta e a sétima com a quarta. Modalidade também criada por Téo Azevedo em homenagem à sua mãe.
- **Quadrão Mineiro** – São estrofes de oito versos, sendo cada de 7 a 9 sílabas. A primeira, a segunda e a terceira rimam entre si, a quarta com quinta, terminando com qualquer palavra que tenha o final eiro. Por outro lado, a sexta rima com a sétima e a oitava, terminando ao cantar quadrão mineiro.
- **Calango** – É uma das mais populares danças de Minas Gerais. São formadas de canto e baile que se realizam isolada ou conjuntamente. A dança é um ritmo quaternário, dois por quatro, parençado e sem complicações coreográficas, repetindo os passos do samba urbano. A música é que se repete na característica do refrão típico.
- **Trocadilho em linha de letra** – É uma estrofe com métrica livre, com todas as palavras iniciando com a primeira letra sempre igual. Exemplo:

*Passando perto poço
Pedi para PedroPra papai passear*

*Pedro permitiu papai
Paguei Pedro parente
Permitiu papai passear.*

- **Aboio do Norte de Minas** – É o canto improvisado do vaqueiro, sem palavras, marcado exclusivamente por vogais, entoado ao conduzir o gado. O aboio é, então, de livre improvisação. O canto dos vaqueiros, apaziguando o rebanho, levado para as pastagens ou para o curral, é de efeito maravilhoso e fruto da sabedoria popular em todas as regiões pastoris. O cronista português Antonil (João Antonio Andreoni, 1650-1716) afirmou, “Guiam-se as boiadas, indo uns tangeadores diante, cantando, para serem desta sorte seguidos de gado’. Segundo Téo Azevedo, o aboio é dividido em três partes:
- **Toada de Aboio** – É a música improvisada ou decorada, e que ao seu final, faz-se o aboio original e sem letras, feitos de improvisação com melodia só de sussurros.
- **Canto de aboio ou aboio de improviso** – São pequenos sussurros de aboio original vindo a seguir os versos que podem ser em Quadras ou Sextilhas, decorados ou improvisados e depois com mais sussurros feitos por um ou mais cantadores. A segunda rima com a quarta, e esta com a sexta.
- **O improviso de melodia sem letra musical** – Esta é, sem dúvida, a parte mais bonita do Aboio, onde um vaqueiro, numa melodia dolente e chorada vai improvisando o canto, levando, assim, toda a boiada. Este é o aboio autêntico e original que somente podemos ver nos campos e não nas festas e shows de repentismo.